



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Preguiçosa!* conto, por Alberto Pimentel;—*O relógio da minha amante*, conto, por Alfredo Gallis;—*Francezes e allemães*, por Pinheiro Chagas;—*Nas varelas d'um leque*, versos, por Alves Crespo;—*As duas estrellas*, conto, por Paulo Arene;—*A senhora morgada*, conto, por José Maria da Costa;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatemplos)*;—*Um conselho por semana*;—*A rir*;—*Luiza*, conto, por Magalhães Fonseca.

GRAVURAS:—*O bombeiro Antonio Ignacio*;—*Joseph Louis Simonet (Capitão do «Ville de Victoria»)*;—*No lavadouro*;—*O vapor «Ville de Victoria»*;—*Uma aldeia russa*.

### CHRONICA

Sou eu. E bato-lhes á porta na melhor das intenções, porque lhes venho dar as boas festas, sem lhes pedir por isso cousa alguma. Sou unico, bem vêm.

Espero, no entretanto, que me não tomem isto á conta de soberba. Se nada peço, é que receio muito que vossas excellencias nada me possam dar, porquanto seria realmente necessario possuir a gente uma fortuna fabulosa, para não cahir na miseria depois de ter corrido a dois tostões por cabeça esta hedionda tropa de correios, distribuidores, continuos e porteiros, que nos assalta, que nos festeja, que nos commove, que nos desgraça!

Bem dizia o marquez de Pombal que, em muitos casos, era absolutamente indispensavel o exercicio da força. O grande estadista não alludia apenas aos terremotos; visava no mesmo lance as consoadas.

Reatando, fica o leitor sabendo que está em presença de um benemerito, que lhe dá as boas festas sem lhe

exigir as brôas a que teria direito, segundo todas as leis da pelintrice nacional.

Quero, porém, ser franco: eu estou de cama, e acho-me portanto absolutamente prohibido de me deliciar á custa dos doces alheios. Mas tambem n'isto pro-



O BOMBEIRO ANTONIO IGNACIO

vo o meu extraordinario arrojo, a minha boa vontade angelica, porque hontem, ás nove horas da noite, quando me comprometti com o meu amigo Casimiro Dantas a escrever a primeira chronica de mil oitocentos e oitenta e sete, achava-me eu ainda de perfeitissima saude e

muito longe, portanto, de imaginar que passaria o ultimo dia de mil oitocentos oitenta e seis n'esta deliciosa posição horisontal, que constitue um dos melhores encantos da existencia, quando não constitue, como no caso presente, uma venerandissima estopada.

E depois, fechado como estou entre as paredes discretas do meu quarto, nem mesmo n'esta occasião disponho d'essa eterna alegria inalteravel, pela qual todos me reconhecem, mas pela qual, tambem, eu tantas vezes me desconheço...

Não vão suppor, no entanto, que eu já me esteja agora arrependendo da loucura com que tenho aberto caminho n'este mundo. Pelo contrario, cada vez comprehendo melhor um meu collega que, quando precisa por instantes tomar a serio este valle de lagrimas, costuma rir-se primeiro. E se confesso com tamanha franqueza este abandono em que a alegria me deixa quando me cerca a solidão, é porque tenho quasi a certeza de que ninguem me acreditará.

O que, porém, é certo é que sustentado como eu estou a caldos e a bons conselhos, fraco de espirito e de corpo, aborrecido sobretudo, ha-de-me ser difficil levar a cabo esta promessa que fiz, de encher, eu só e mais a minha semsaboria, a monstruosa pagina da chronica. Em summa, não será esta, com certeza, a primeira vez que as minhas promessas tenham de fazer triste figura...

Dentro d'algumas horas, e mediante as mesmas doze modestas badaladas que todas as noites costumam retumbar ahi pelos espaços, como que amortalhando o dia que expirou, dentro d'algumas horas terá tambem descido para sempre, ao seio da eternidade, este anno desastrado a cuja agonia estamos ainda assistindo.

Lá irá para onde o pague. Creio piedosamente que pequenas saudades deixará na terra. Foi um grandissimo bruto.

E comtudo, alguma coisa precisamos nós agradecer-lhe: é não ter sido bissexto. Se vivesse mais vinte e quatro horas, era impossivel que não aggravasse com alguma nova asneira a sua reputação tão profundamente compromettida. Ainda bem que está contada por instantes a vida d'este maroto; ha de morrer á meia noite em ponto, á hora dos morcegos e dos phantasmas; ha de leval-o o demonio!

Trezentos sessenta e cinco dias é tempo mais do que bastante para praticar toda a casta de bonitas acções. Quem de tal modo comprometteu uma translação completa da terra em volta do sol, não merece que na superficie do nosso planeta haja quem recuse odial-o. Eu fui dos que menos padeci nas garras d'este algoz agonisante, e contudo eis-me de cama, a dissolver n'esta indigesta prosa as horas que vão correndo e que outros, mais felizes do que eu, andam gozando lá por fóra, á luz amiga das estrellas, que n'este instante hão de brilhar de certo com maior fulgor, illuminando o berço do novo anno que nasce.

A esta hora podia eu estar, por exemplo, no Coliseo, onde dentro em pouco o publico se estará extasiando em face do diaphanorama do sr. Danguí, um excellente patusco que comprehendeu, com muita felicidade, a poderosa influencia que os effeitos opticos podem ter na bolsa de uma pessoa habil. E dentro em pouco estará a neve cahindo sobre aquelle pobre burro que o sr. Danguí todas as noites, por conveniencia da vista, faz sumir sem mais explicações; virá depois o incendio, logo em pouco o naufragio... Esplendido! Esplendido!

Mas que interesse podemos nós encontrar n'essas incorrectissimas imagens de catastrophes infelizmente tão nossas conhecidas? Pois não sabemos nós como isso é?

Custa a comprehender como nos resta ainda força para applaudir o simulacro de uma desgraça que pouco antes nos feriu. Parece que nos deliciasmos ao contacto d'aquillo mesmo que tão de perto nos assombrava.

Querirá isto dizer que o nosso coração esteja embotado a ponto de já não vibrar senão quando actuado muito directamente pela desventura? Será isto uma expressão do nosso egoismo, manifestando ingenuamente quão pouco se impressiona em face da fatalidade que persegue os outros? Não!

E' inegavel que os ultimos successos teem produzido em Lisboa um desgosto profundo e geral. Todos nós sentimos aquellas duas indiscriptiveis desgraças, e, quanto mais sobre ellas demoramos o pensamento, mais o pensamento se sente por ellas atrahido, mais tenazmente procura investigal-as.

Porque, em verdade, ha muito de extraordinario e de incomprehensivel n'estes desastres de que Lisboa tem sido agora theatro.

Um incendio em pleno dia e um naufragio em pleno porto não são coisas que se esqueçam facilmente, sem que primeiro se apurem as gravissimas responsabilidades que ahi parece haver. Falla-se muito em inqueritos e ha-de fallar-se n'isso por muito tempo ainda; pouco a pouco hão-de apurar-se as coisas, e finalmente havemos de ficar na mesma, que é a situação em que ficamos sempre que pretendemos saber demasiado.

Por enquanto, ha victimas apenas; tratemos d'estas primeiro, e depois pensaremos nos culpados, que não serão facillimos de descobrir.

Se é verdade que o *Sultan* metteu a pique o *Ville de Victoria*, não é menos verdade que os officiaes inglezes se mostraram muito commovidos por occasião do funeral dos naufragos. Que mais desejam? Uma lagrima da Inglaterra não valerá acaso um navio, embora com com tripulação e tudo?

Attribuem, é certo, ao commandante do *Sultan* não sei que phrase menos humana, soltada no momento em que, de bordo do *Ville de Victoria*, lhe pediam soccorro. Mentirozas! Que se contente o *Sultan* com a roda de fadista que as *Novidades* lhe deram, e que siga quando lhe aprouver.

Os fragateiros que abandonaram covardemente os naufragos, esses praticaram assim uma vilania, que lhes fica bem, no fim de tudo.

Emquanto ao pavoroso incendio, que ás onze horas da manhã, no coração da cidade, á porta do respectivo inspector, matou cinco pessoas e teve em risco muitas outras, enquanto a isso, está-me parecendo bem não discutirmos por hora, porque a verdade ha-de aflorar dentro em pouco ao nivel do jornalismo, como á superficie d'agua pode aflorar uma rolha de cortiça... guardada n'uma caixinha de chumbo.

Saude ao anno novo. Tanto mais que o recém-nascido parece querer entrar com o pé direito. Abre logo com duas festas pomposas—a abertura das camaras, e o baile no salão da Trindade.

A abertura das camaras é promovida pelo ministerio, que quer fechal-as de vez; o baile da Trindade é promovido por um grupo de senhoras da nossa elite, com um fim exclusivamente de caridade, porque nenhuma d'aquellas senhoras, segundo consta, tenciona muito dançar.

Entretanto, oxalá que eu abandone depressa este massudo leito. Tenho immensa vontade de assistir á festa; eu gosto immenso de vêr.

# PREGUIÇOSA!

(IMITAÇÃO)

Venho de assistir, em Bemfica, aos funeraes da antiga morgada do Azural.

Esta dama, que se finou com perto de oitenta annos, foi uma das mais extraordinarias organisações do seu tempo.

Passou toda a sua longa existencia n'um *demi-sommeil* aristocratico, sem nada fazer, sem nada pensar, sentando-se para abrir um romance que não chegára a ler, deitando-se para não estar sentada, esperando que as criadas a vestissem e a despissem, abandonando o seu corpo de gata á indolencia habitual de uma oisidade systematica, que os medicos tentaram em vão combater.

Nunca teve vinte annos senão para dizer que os tinha. Não amou. Encarava o amor pelo lado incommodo, unicamente como um sentimento impertinente, que obriga a dar conta de todos os nossos actos, fallando ou escrevendo. Reduzido a estas proporções, o amor não passa, effectivamente, de uma tutela aborrecida. E comprehende-se que uma grande dama d'esta especie repellisse o mais amavel dos tutores que o acaso lhe deparasse, não tanto por ter que o aceitar, como por ser obrigada a soffrel-o.

Toda a sua familia pertenceu á *vieille roche* legitimista. Ella nunca pensou n'isso a serio; em primeiro logar, porque é incommodo ter um partido com a obrigação de acompanhal-o; em segundo logar, porque o sr. D. Miguel de Bragança, se como rei representava a immobilidade politica, como homem era um principe de *sport*, que fazia loucuras de equitação, rebentando os cavallos que montava; e a morgada do Azural, na qualidade de *belle noncha'an'e*, tinha um profundo desprezo ingenuo por todas aquellas pessoas que não passassem a vida a dormir.

Quando o regimen liberal foi definitivamente introduzido no nosso paiz, a morgada fechou as portas do seu palacio de Bemfica ás raras visitas que ainda se lembravam de a procurar uma vez por outra.

A' ultima d'essas visitas perguntou o que era a liberdade, de que tanto ouvia fallar.

O interrogado respondeu, com o seu grande desdem legitimista, que, segundo ouvia dizer, a liberdade era um movimento dos espiritos *para deante*.

A morgada horrorisou-se, e resolveu fechar a sua porta a pessoas que, vivendo n'uma sociedade liberal, poderiam acabar por defender na sua presença o *movimento dos espiritos*, sendo certo que ella não queria andar nem para deante nem para traz.

Um dia, a sua *dame de compagnie* explicou-lhe o que eram os camiuhos de ferro.

A velha morgada, reclinada no seu sophá escarlata, achou que essa apregoada invenção era uma monstruosidade.

Se andar era incommodo, andar de pressa era uma loucura.

Na sua linguagem pittoresca, chamou á marcha de um comboy a *valsa do ferro*.

Esta pequena phrase dá uma ideia exacta do seu horror pela valsa, que nunca dançára, e pela viação accelerada, que nunca vira.

A *toilette* da morgada era extremamente simples: uma touca e uma *batte*. Simples como era, esperava sempre que lh'a fizessem todos os dias, que lh'a despissem todas as noites.

Quando ouvia fallar de vestidos de seda, incommodava-se. Achava a seda demasiadamente pesada, e a ideia do *frou-frou* punha em vibraçã os seus nervos, como os de certas pessoas quando alguém raspa as unhas pela cal da parede. Quanto ao veludo, oh! isso então era muito mais serio,—o veludo asphyxiava-a.

Detestou sempre os brilhantes, porque eram pedras. E só o pensamento de trazer um collar de pedras, ainda que fossem preciosas, obrigava-a a levar immediatamente as mãos ao pescoço, para arrancar o imaginario collar, que parecia afigal-a.

A unica das instituções modernas que ella aceitava sem repugnancia, era os asylos. A palavra asylo dava-lhe uma ideia de descanso e de tranquillidade, que ella saboreava mentalmente, lembrando-se não só da sua doce e habitual indolencia, mas chegando mesmo a invejar a felicidade dos pobres, quando se mettessem dentro da cama, e podessem estender-se á vontade.

Por isso, consentiu uma vez que a sua *dame de compagnie* assignasse por ella para um asylo.

Ante-hontem, segunda feira, a *dame de compagnie* foi abrir, cerca do meio dia, o quarto da morgada.

Pareceu-lhe que ella dormia ou pelo menos que dormitava, como era seu costume. Estava immovel, as palpebras cerradas, n'uma *pose* consoladora.

A' primeira vista, a *dame* não reconheceu que a fidalga estava morta, pela simples razão de que a fidalga vivia como se morre.

Depositado o cadaver no salão verde, que não se abria ha cincoenta annos, foi franqueada a entrada ao publico.

Quasi toda a gente de Bemfica teve uma grande curiosidade de entrar n'esse velho palacio, onde o pó se accumulava sobre os altos espelhos das paredes, e sobre os moveis de pés torneados, de uma antiguidade classica.

A morgada, deitada no seu caixão esguio, parecia gosa deliciosamente a tranquillidade da morte.

Com o rosto um pouco inclinado para a esquerda, na direcção da porta, adivinhava-se-lhe a intenção de dizer, quando os *gatos pingados* chegassem:

—Façam favor de não ser apressados, porque eu quero ir muito de vagar.

ALBERTO PIMENTEL.

## O RELOGIO DA MINHA AMANTE

Sinto n'este momento a pancada rapida, secca, e monotona do oscillar da pendula d'esse pequeno relógio de *etagère*, derradeira recordação d'um amor que parecia ser eterno, e no qual houve todas as loucuras da mocidade, todas as doces miragens da juventude, todas as fagueiras illusões d'estes pobres fogos fatuos da existencia, leves como um floco de espuma, dissolventes como uma espiral de fumo.

Quando, pela primeira vez, me encontrei a sós com ella, no seu humilde e modesto *boudoir* de *grisette* pobre, o pequenino relógio despertou-me a attenção.

Era o unico objecto de luxo que encontrei sobre a mesa repleta de rendas, de fitas, de laços, de jornaes de modas, e pedaços de seda de variegadas cores.

N'es-e tempo era ella mais nova, e... eu tambem.

Foi ao som do bater da pendula do pequenino relógio, pelas noites calidas do verão, sem luz no quarto, porque o luar fazia o favor de nos conceder uma facha da sua claridade, que nós tecemos as primeiras grinaldas do nosso amor.

Então parecia-nos que todo um horizonte azul, constellado de estrellas rutilantes, se abria diante de nós, para nos deixar passar, triumphantes e risonhos, de mãos dadas e olhares apaixonados, á conquista da eternidade do amor.

Era pelo tempo em que as andorinhas cantam nos beirões dos telhados, e as madre-silvas saturam de perfumes balsamicos as leves virações da noite.

Ainda receiosos e timidos, iamos para a janella fallar do futuro, contar um ao outro as nossas aventuras, o nosso passado, os nossos pesares e as nossas alegrias, e ella sorria para mim, com aquelle seu olhar miudo, claro e leal, onde se reflectia uma alma terna e um coração dedicado.

Mais tarde, quando os primeiros madrigaes tinham batido azas em companhia das andorinhas, e uma amizade calma e reflectida nos unia affectuosamente, acompanhava-a ao serão até altas horas, e emquanto ella bispontava sedas, eu escrevia contos.

Foi assim que escrevi um livro!

O relógio, collocado sobre a mesa, nosso companheiro inseparavel e fiel, servia-nos de distracção.

Era elle quem, na sua mudez significativa, nos indicava a hora de repousar.

A's vezes, de noite, acordava, e apenas o *tic-tac* rapido do escapo quebrava o silencio do quarto.

Bastantes noites, possuídos de insomnias terríveis, o modesto relógio me serviu de companheiro ás avalanches de pensamentos que se me amontavam no cérebro, enquanto ella dormia tranquillamente, com a esplendida cabeça recostada no meu braço e os fartos cabellos fulvos esparços pelas rendas das almofadas.

Se não fosse o humilde relóginho, parecer-me-hia talvez que uma solidão enorme me rodeava. Era elle quem de manhã nos mostrava a hora e nos avisava de que não devíamos adormecer outra vez; era ainda elle que á noite lhe indicava o momento em que nos devíamos encontrar de novo.

Instinctivamente, tomei amizade áquella testemunha dos nossos amores e das nossas tristezas, das nossas alegrias e dos nossos pezares. Um relógio tem assim como que uma parcella de vida, semelhante á nossa.

O bater d'um pendulo é como que um coração que anima aquelle organismo metallico. Depois, elle executa uma acção regular, definida, util, tal e qual o nosso papel no meio social em que vivemos. Não ha ninguém, que ao menos uma vez na vida não tenha experimentado a sensação estranha de ver o seu relógio parado por se lhe ter partido qualquer das peças.

Ao vel-o assim, parece que su-temos nas mãos um cadaver. Falta-nos uma cousa que não sabemos explicar bem o que é, mas que no entanto abriu uma lacuna na nossa imaginação.

Ao relógio toma-se amizade, como ao cavallo, ao navio, á espingarda e ao cão.

Eu tinha amor a este relógio, pobre pedaço de zinco galvanizado e latão polido, incapaz de comprehender as minhas sensações.

Uma vez, por brincadeira, di-se á minha doce amante: «se um dia quebrarmos os nossos juramentos, dá-me este relógio?»

—Don. Olha, dou-t'o já. Se nos separarmos leva-o.

Assim foi.

Tempos passaram, e exactamente como os madrigaes tinham batido azas, também a affeição as bateu.

Mal sabe ella quanto eu lhe queria e quantos desgostos me custou!

Ha, porém, na vida imposições sérias e deveres sagrados que bem, contra nossa vontade, o homem deve cumprir, embora arraste apoz si todos os seus ideaes, todas as suas alegrias, todos os seus sonhos e todas as suas venturas.

Foi-se a mulher, mas o modesto relógio, aquelle que nos viu dar o primeiro beijo e trocar o ultimo adeus de despedida, está aqui a meu lado e o seu *tic-tac* é o mesmo de quando o vi n'aquelle modesto *bouloir* onde escrevemos inspiradas paginas de amor, enquanto a lua passeiava no horisonte o seu palido bicornio luminoso.

Ao vel-o, lembro-me d'ella, e parece-me ainda ouvil-a dizer: «dá corda ao relógio».

D'aqui a annos, quando os primeiros gelos dos invernos encontrarem as neves dos meus cabellos, e eu tenha sepultado no mar da desillusão todo o meu romantismo e todos os meus sonhos, que de recordações e saudades não sentirei, ao ouvir o *tic-tac* d'este relógio, sempre o mesmo, como no dia em que nos beijámos e no dia em que nos separámos.

Eu sei que as recordações são um grande soffrimento da alma, mas uma alma sem recordações é um ceu sem estrellas, um sol sem luz, uma violeta sem perfumes, um mundo sem habitantes.

E' de recordações que vivemos, e são ellas as nossas unicas fieis companheiras que nos seguem ao tumulo.

Vou longe demais.

Meia-noite, marca-a o meu estimado relóginho.

Era a hora a que ella soltava as longas tranças louras e eu fechava o livro.

A vida é isto:—saudades e *recuerdos*.

ALFREDO GALLIS.

## FRANCEZES E ALLEMÃES

Não! Ainda ha-de decorrer muito tempo antes que se apague o odio profundo que corre entre esses dois paizes como um rio de fel, mais largo e mais profundo do que o Rheno, de ribas mais escarpadas do que os montes empinados entre os quaes correm os rios da Alsacia. A cada instante, a cada momento as coleras se manifestam de um lado e do outro: do lado dos allemães, o desprezo profundo pelos visinhos; do lado dos francezes a troça implacavel que asseteia de mil dardos a pesada gravidade dos allemães.

Ha pouco lia eu ainda o ultimo livro escripto ácerca de Bismarck e o artigo zombeteiro que lhe consagrava G. Valbert, pseudonymo que esconde o nome de eminente escriptor Victor Cherbuliez. Realmente, devemos confessal-o, o doutor allemão Moritz Busch dava muito partido ao critico francez, porque se não pode ser mais ridiculo.

O dr. Moritz Busch pertence ao numero d'aquelles allemães que têm pelo principe de Bismarck uma adoração verdadeiramente extatica, e essa adoração leva-o realmente a umas expansões prudhomescas, que Valbert asseteia sem piedade. Conta

por exemplo a sua romaria á quinta de Schonhausen, pertencente ao principe de Bismarck, e refere que a sr.<sup>a</sup> inspec ora Billin teve a extrema bondade de consentir que elle colhesse alguns morangos. O dr. Moritz Busch, trémulo de commoção, colheu-os, e comeu-os respeitosaente. Escreve então:

«Foi para nós uma impressão quasi historica o comer morangos colhidos no jardim de Bismarck.» Parece que se está realmente n'uma d'essas côrtes offenbachianas, que fizeram a alegria da nossa mocidade.

N'outra occasião, conta o dr. Busch que teve uma ventura suprema—a de estar presente quando o principe de Bismarck teve appetite de fumar. Com essa mão que revolve os destinos da Europa, o principe de Bismarck procurou na algibeira a sua charuteira, e não a encontrou. «Tem um charut'?» disse o principe com a sua voz dominadora. Ah! como o dr. Moritz Busch se precipitou com a sua charuteira em punho; infelizmente, mais agido do que elle, o que não admira, se repararmos no nome, que é predestinado—o sr. Taglioni, decifrante do rei, precipitou-se e fez aceitar a Bismarck o charuto que lhe apresentava. «O meu havia de ser por força melhor!» murmura melancolicamente o pobre Moritz Busch.

Em presença d'este fetichismo, pode-se imaginar que o espirituoso francez não poupa as zombarias. Mas também é de ver como o dr. Moritz Busch trata com um desprezo supremo a França, essa raça inferior!

Este livro contudo é já antigo, e o que me inspirou a idéa de escrever este artigo foi o novo livro bellicoso que appareceu em França, e que mostra que o tempo está longe de ter feito a sua obra de pacificação. Essa obra, cujas folhas estão humidas ainda do prélo, intitula-se *As filhas da Allemãha*, e é escripto por um homem, que tem o pseudonymo de Mathias Valady.

Fallámos na *Illustração Portuguesa* de um livro interessantissimo, publicado a respeito da Allemãha por um francez que diz ter residido alli oito annos, e que tomara o pseudonymo de Saint-Cére.

Esse era um livro sério, aspero, amargo, mas que mostrava, de certo, muitas vezes, pontos vulneraveis. O que temos agora diante de nós é um livro pura e simplesmente humoristico, bem feito sem duvida alguma, e visando mais uma vez a demolir a velha lenda da virtude allemã, da castidade das Gretchen de olhar azul e de tranças loiras.

O livro de Victor Tissot, *Voyage au payz des milliards* e *Les Prussiens chez eux*, já eram sufficientemente edificantes. Este completa-os.

Vejam a descripção da sua primeira aventura:

«Um dia, passeiava eu um pouco ao acaso pela praça de Santa Maria em Munich. Passa por ao pé de mim uma gentil rapariga, que me roça com o fato:

—Minha senhora, digo-lhe eu, quer-me fazer a honra de jantar connigo?

A entrada em relações era na verdade um pouco brusca. Por isso a minha gentil interlocutora mede-me de alto a baixo, e diz-me:

—Que vá jantar comsigo? Quem imagina que eu sou?

—Uma senhora honestissima, respondi eu com o tom mais respeitoso.

—Bem. Então, vamos lá.

E fomos jantar ao Rataskelle.

A seguinte descripção do famoso historiador Puffke, o historiador dos Marcomanos, deve ter feito dar pulo ao escriptor germanico:

«O illustre Puffke sustentava, orgulhosamente, n'um corpo redundante e espherico, uma cabeça do lychocephalo, da grossura de um barril de cerveja, uma cabeça capaz de conter setenta e cinco mil datas! A sua frente, alta e larga, cheia de rugas profundas, fazia pensar n'um accordéon que se enternece, a sua face muito vermelha, entre duas suissas de um ruivo descórado, n'um tomate flanqueado por duas cenouras.

Sorriu-se para mim, abrindo uma bocca que se rasgava de orelha a orelha, endireitando, por um justo sentimento do seu valor, a sua estatura um tanto corcovada, de professor ordinario:

—Pergunta-me, joven discipulo, por onde deve principiar? Principie por aprender tudo. E' o que basta por ora.

—Perdão! sr. professor, não comprehendo.

—Assim o espero, mancebo, assim o espero: comprehender, *comprehendere*, significa abranger, conter. Abranger na sua idade, abranger um simples estudante o pensamento vasto e recto de um professor ordinario!... Mas, uma vez por excepção, sempre me quer e explicar com essa clareza superficial que os Francezes lhe gabaram, e que tantas vezes os desvaira. Aprender, tudo na minha idéa, é aprender muita coisa misturada, enquanto o seu gosto se não fixa. E' ingurgitar idéas avidamente, como se fosse cerveja de Pschorr; é engulir factos vorazmente, como se fossem salsichas de Francfort. Vá, joven discipulo, ouvir o maior numero de cursos que possa sobre as materias mais diversas. Receba dos professores mais divididos em opiniões os principios mais contradictorios; depois, quando sentir, segundo a phrase do nosso grande Goethe, girar na sua cabeça uma roda de moinho, volte lá. Será tempo então de pensarmos em moer na mó do seu cerebro reformado o trigo puro da sciencia positiva.



JOSEPH LOUIS SIMONET  
(CAPITÃO DO «VILLE DE VICTORIA»)

«O professor ordinario, dizendo estas palavras, poz-se em pé, firmando-se nos seus dois pilares de cathedra.

A proposito, acrescentou elle, estendendo-me um papel azul, é claro que não deixa de assignar o meu semanario historico. Ahi tem o recibo: paga-se adiantado. São 32 marcos e dez pfenning por trimestre.»

E' caricatura completa, mas denota a boa vontade com que os escriptores francezes se atiram á sciencia allemã.

Leiam ainda esta pagina deliciosamente escripta. E' uma scena de estalagem, de uma estalagem onde o author se refugiou com a sua noiva. A Allemanha é um paiz casto, onde nao ha amantes, não ha senão noivas; muda-se porém de noiva com frequencia. O estalajadeiro apparece. Chove muito lá fóra:

«Parece que estão um pouco aborrecidos. A chuva não pára, desejam que eu venha beber um copo de vinho á sua saúde?

—E por nossa conta?

—E' o costume.

—Está dito.

Este estalajadeiro era um original, como já tinha podido observar. Não tocava em coisa alguma, com medo de a partir, não tinha outras funcções senão beber e fazer beber os clientes.

Imaginando que nos distraia, contou nos a sua historia. Ex-aprendiz de pintor, natural de Leipzig, tinha passando por estas montanhas, renunciado á gloria, ideal inacessivel, em troco da filha do estalajadeiro, realidade mais palpavel, muito palpavel mesmo, porque, assim que o marido voltava costas, os freguezes apalpavam a patrôa que era um regalo.

—Não tem saudades da sua arte?

—Tenho, sim, minha senhora, o que me vale é o veado!

—O veado?

—Um veado domesticado, que está acolá a passeiar no cerrado. Quando me sinto triste, vou ter com elle, digo-lhe tudo, elle não percebe nada, mas como parece aborrecer-se ainda mais do que eu, consola-me.

O nosso homem foi interrompido pela entrada de um gigante loiro vestido com um casaco preto. O recém-chegado, com uma voz tonitruante, pediu vinho de Styria.

Já beberam vinho de Styria? Não se vende em Paris; mas engulam a escova de dentes molhada em vinagre, e podem fazer idéa.

—Gosta d'isto? perguntei eu ao gigante loiro.

—Sem duvida. Não me falle dos vinhos de França; são brandos, macios, bons para mulhersinhas. Parece sempre, quando a gente o bebe, que está uma pessoa engulindo o regalo da priminha. Falle-me dos nossos vinhos da serra; esses é que são vinhos, encorpados, fortes, rudes, bons para gente masculina. Levam coiro e caballos! Ah! se o senhor conhecesse o vinho dos quatro homens! Chama-se assim, porque, para o beber, são necessarios quatro homens: em primeiro lugar o padecente, dois homens para o segurarem, e o ultimo para deitar o liquido. Mas já fallei demais. Sr. Schmerling, traga uma garrafa.

Desatou a rir tanto, tanto, que os copos dançavam em cima da meza.

—E' o mestre escola? perguntei eu olhando para o fato do alegre sujeito.

—Não senhor, sou o padre.

—E um padre muito alegre.

A minha doce noiva alegrava-se um pouco, mas o céu continuava a choramigar.

Entraram dois caçadores com o chapéu tyrolez. Tomaram vinho, e metteram a patrôa no meio. O mais novo apertou-a tanto, que eu procurei com a vista o nosso estalajadeiro, temendo um escandalo. Mas o ex-artista não tinha podido resistir, arvorara um chapéu de chuva para ir ter com o veado.

Elle e o animal contemplavam-se com ar melancolico.

Sempre me hei-de lembrar do padre de Schlien. Mas não se julgue que a sua indole jovial prejudicasse a sua piedade, e o respeito das suas ovelhas. N'um paiz, onde a religião não se discute, o padre pode ser um homem, sem que pessoa alguma o estranhe.»

A pagina é, como se vê, encantadora, e evidentemente não fez grande mal aos Allemães. Mas o tom dos livros de viagem, dos estudos de costumes sobre a Allemanha, é este, e continúa a sel-o. O livro em que fall-mos, da mesma forma que o livro de Saint Céré, são obras de 1886. O que prova isto? Prova que o publico, em França lê com avidéz obras escriptas n'este sentido, e com este espirito, que os rancores continuam a germinar no espirito dos dois povos, que o Allemão continua a ser detestado em França, e que o Francz está ganhando cada vez mais direito a ser tambem detestado na Allemanha, e que por consequente o imperador Guilherme, exigindo a continuação dos grandes armamentos, tem mais razão de que o Reichstag.

PINHEIRO CHAGAS.

## NAS VARETAS D'UM LEQUE

Vão lá detel-o, um momento,  
—ao leque— a aza iriada

da travessa borboleta—  
p'ra deixar-lhe um pensamento!...  
Mais facil fóra a jornada  
sobre a cauda d'um cometa,  
até aos ursos... de Bernel!  
.....  
Mas isso .. só Julio Verne!

ALVES CRESPO.

# AS DUAS ESTRELLAS

## CONTO DO NATAL

Ora os Reis Magos caminhavam para o Occidente, com os olhos fitos na Estrella.

Gaspar levava o oiro, Balthazar a myrrha, e Melchior, que era preto, os perfumes colhidos no deserto. Caminhavam a pé, varrendo as pedras com as pregas roçagantes das suas tres dalmaticas, d'onde, a espaços, se desprendia um rubi ou uma perola. Atraz d'elles seguia um cortejo numeroso.

Surprehendidos, ao avistarem atravez da linha de oliveiras que margina a estrada, o pescoço ondulante dos camellos e as cores garridas do fato dos conductores, acorados no alto da bossa dos animaes, os trabalhadores agrupavam-se, em quanto os pastores, na montanha, faziam cessar os latidos dos caes.

Pelo mesmo caminho, mas do lado opposto, chegava uma segunda caravana, um longo sequito de mulheres, umas com o rosto coberto, outras sem véo,—segundo a nação a que pertenciam—; á frente da caravana, caminhava uma patricia, constellada de joias, preguiçosamente adormecida pelo balanço da sua liteira; montada em um burro, ia tambem uma aldeã, com as pernas pendentes, carregadas de numerosas manilhas de prata macissa, que sobresaíam nos seus finos tornozelos côr de ambar; e, por ultimo, uma escrava nubiana, preta e nua, adornada com um collar e braceletes de ferro.

Cerca de Bethsaida, na encruzilhada conhecida hoje sob a denominação de Aiu-Asphar, em virtude do poço d'agua doce que ahi existe, as duas caravanas encontraram-se; a confusão foi de tal ordem, que um cavalleiro romano, torvo mensageiro do rei Herodes, viu-se obrigado a parar, jurando por Jupiter, e recuando o cavallo até á extremidade do muro, que n'esse sitio separa os campos.

Como era a hora do dia em que o céu alveja, batido pelos relampagos do sol, as duas caravanas dispozeram-se a descansar.

Levantaram-se duas tendas, uma de seda branca bordada de perolas, destinada á patricia, á aldeã e á filha da Nubia, a outra de pelle de camelo, onde os Magos se recolheram.

A multidão adormeceu, enrolando-se nas suas capas, estendendo-se debaixo da grande alfarrobeira cujos ramos cobrem o poço, e no triangulo de sombra, projectada na arvia pelo grupo dos camellos, reunidos em um circulo, com as cabeças pendidas, á imitação das ovelhas quando querem livrar-se dos raios do sol.

Logo que o calor diminuiu, os camellos, que conheciam a hora, sacudiram os seus enormes pescoços, onde as castanholas resoaram. Todos acordaram.

E em quanto os conductores desprendiam os camellos e os servos desarmavam as tendas, os Magos abeiraram-se do poço, ao sopé do qual as mulheres estavam já assentadas.

Balthazar tomou a palavra:

—Mulheres, onde ides?

—Onde nos conduzir a nossa estrella.

—Mas a estrella dos sete raios, que ha um mez nos guia, segue do Oriente para o Occidente.

A estas palavras, uma das mulheres respondeu:

—A nossa estrella não é a vossa!

Os Magos levantaram então os olhos, e avistaram, com assombro, ao lado da sua estrella, cujas sete varetas fulgurantes lutavam com os esplendores do céu incendiado, uma outra estrella mais pequena, mas de um brilho tão doce, que dir-se-hia a chamma produzida por um filão de prata derretida. É á semelhança da sua estrella, que aguardava suspensa sobre o poço, a outra, immovel, palpitante, a branca, esperava.

Balthazar replicou:

—O Salvador nasceu, annunciaram-o os prophetas, e a estrella conduz-nos ao seu encontro. O Senhor veio ao mundo em uma pobre cabana, que os vagabundos não quereriam para si. Repousa nu sobre as palhas. Ao anoitecer, só o bafio de um boi e de um burro diligenciam aquecer o seu corpo, transido pelo vento glacial do inverno. Vamos saudalo e offerecer-lhe incenso e myrrha, como homenagem devida á sua realza.

—E nós, volveu uma das mulheres, vamos saudar a Peccadora, nascida no mesmo dia em que Jesus nasceu; offerecer-lhe-he



NO LAVADOURO

mos,—symbolo das antigas escravidões,—eu as minhas inúteis joias, e las os seus collares de prata e de ferro.

—Jesus traz a paz á terra.

—E o que é a paz sem o amor?

Eros morreu, ai de nós! e as fronte rojam-se em vão pelas frias lousas dos seus templos.

A nossa belleza faz-nos escravas; mas aquella que buscamos será a libertadora, porque revelará ao mundo o verdadeiro amor.

Tão bella como Jesus é bello, morena e russa, como as espigas cujos grãos calcinados se envolvem em fios de ouro, será ella a consoladora, que, com os seus perfumados cabellos, enxugará o sangue vertido pelo divino esposo; será ella a ultima a abandonar a cruz, sobre a qual se projectará o derradeiro olhar do Justo; será ella que, chorando-o no fundo dos desertos, fará brotar dos seus bellos olhos uma caudal inexaurível; e, d'ora avante, ella alcançará que os homens perdoem ás mulheres o divino peccado do amor.»

As tres mulheres levantaram-se.

A estrella branca resvalou no céu, docemente, lentamente, traçando um roteiro de uma doce claridade polar.

Em seguida, tendo os tres Magos chamado o seu sequito, a estrella vermelha abriu no céu um largo sulco de fogo e começou de novo a precedel-os, indicando-lhes o caminho.

E debaixo do sol que descia, os dois cortejos cruzaram-se, desaparecendo ao longe em um turbilhão de poeira.

O crepusculo estendeu-se sobre a terra.

Não ficaram junto do poço, senão uma creança, que viera para apanhar o estrabo dos camellos, o qual, depois de secco ao sol, serve n'essas terras de combustível, e o soldado romano, mensageiro de Herodes, cuja couraça faiscava nos ultimos raios do poente.

Então, o soldado interrogou a creança:

—Onde conduz a vereda seguida pelos Reis Magos?

—A Bethleem.

—E como se chama aquella povoação, lá muito ao longe, sobre a qual brilha perpendicularmente uma estrella?

—Se não me engano, sr. guerreiro, essa povoação chama-se a aldeia de Magdala.

PAULO ARENE.

## A SENHORA MORGADA

Ao anoitecer do dia 15 de setembro, depois de uma tarde fulminante de estio, o sino parochial da pequena aldeia de Nossa Senhora da Saude, na ilha de S. Miguel, tangia apressadamente, chamando o povo para acompanhar o viatico.

Dos campos que rodeavam as choupanas, descia sobre a aldeia um aroma campesino, de trigo secco e palha, evoldo das eiras onde as debulhas haviam sido valentes na faina do dia.

O grande manto da noite, em amplas sombras, envolvia todo o valle, e pela porta aberta do templo, edificado n'uma eminencia do terreno, via-se tremel as luzes no sacrario. O sino chamava sempre. E os campones, largando o caldo de couve e o bolo de milho, corriam pressurosos, a cumprir o seu dever.

Em breve, dentro da igreja, um formigueiro humano agitava-se, gesticulando e commentando.

Quem era que precisava da visita de Deus, para se despedir d'este valle de lagrimas?

E os bem informados, pelas suas relações com o sacristão, respondiam com emphase:

—E' a sr.<sup>a</sup> morgada.

Dentro da igreja ia um reboliço de todos os diabos. O pobre sacristão não tinha mãos a medir. Ainda mal tinha largado a corda do sino e já se via na necessidade de defender de uma abordagem os enormes gavetões da sacristia, prenhes d'opas vermelhas, que os aldeãos, com a maior semceremonia d'este mundo, tratam de tirar para fóra. Na defeza heroe-comica dos balandraus, o sacrista mettia por vezes as costas d'encontro aos gavetões, e agarrado aos puxadores, distribuia pontapé bravo, formando um semicirculo terrível, que ninguem ousava transpôr.

Entre os aldeãos, não era menor a algazarra, quando caia no meio d'elles um braçado d'opas que o sacristão lhes atirava como se fóra milho a gallinhas. Fervia o soco e o cachação, e mais de um devoto mordeu o pó da terra, porque terreo era o solo da sacristia.

Pez termo a este pargode a figura austera do prior, e na sua presença fez-se a pacifica distribuição do livre, da campainha, thuribulo, caldeira d'agua benta, toalhas, umbella, e varas do pallio.

Momentos depois, saia o cortejo, tomando por uma encosta que ia dar á quinta, bastante desviada da aldeia, onde morava a sr.<sup>a</sup> morgada.

Nas janellas do velho e enorme casarão onde morava a fidalga, como lhe chamavam ingenuamente os aldeãos, appareceram

velas de stearina, e os parentes e convidados grados do sitio, empunhando tochas accensas, desceram a escadaria principal, atravessaram o pateo e vieram ao caminho, receber o viatico.

Esta grandeza aldeã, deslumbrava e enchia de sincero espanto a multidão.

A camara onde a morgada estava deitada, era vasta e toda forrada de papel vermelho, adamascado. Ao longo das paredes, pesados moveis antigos. Sobre o leito de columnas desdobrava-se uma riquissima colcha da India. Na parede fronteira ao leito, levantava-se um rico crucifixo de prata sob um doce de velludo carmezim franjado d'ouro. O chão era atapetado. Reposteiros e tapete, tinham uma côr severa.

A morgada era uma mulher de 50 annos. Os cabellos grisalhos levantavam-se em topete sobre a fronte. A tez excessivamente morena, os olhos pretos e profundos, os dentes magnificos. A cara larga e sensual. O typo da mulher forte e intelligente do campo.

Recebeu a sagrada particula, com a maior serenidade. Somentemente os seus olhos trahiam uma intima satisfação, um ardor de fé, uma esperanza de perdão na outra vida.

Já não era essa a expressão dos parentes e amigos que lhe rodeavam o leito. A cobiça predominava no olhar com que espiavam o menor gesto da doente. Os seus olhos pesavam já a herança e os legados com que contavam.

A morgada era rica e solteira, sem herdeiros forçados. Um pouco excentrica e um pouco livre, nunca sentira senão uma paixão por um homem rustico a quem não consentiram os paes que se unisse, obrigando-o a desaparecer de Portugal.

Mas d'esse homem, teve a morgada uma filha natural, que fizera crear em casa d'uns aldeãos como filha d'elles. E com tal arte se houve, que nunca os parentes suspeitaram a existencia da filha, uma graciosa rapariga de 20 annos.

Era este o segredo do celibato da morgada.

Nunca chamara a filha para o seu poder; primeiro por orgulho, segundo porque conhecia bem os parentes, que não hesitariam em envenenar aquella herdeira importuna.

Comprehendendo que podia protegê-la, guardou-o até á morte. Imagine-se pois o assombro geral quando, no dia seguinte, depois do fallecimento da morgada, e aberto o testamento, se ouviu ler a declaração de que a Anna da Grotta era sua filha natural e que a institua sua herdeira universal.

Seguiam-se uns insignificantes legados. E aos parentes, nada.

Os parentes e amigos que, até a abertura do testamento, tinham acompanhado, sollicitos, o cadaver, abandonaram indignados tão onerosa tarefa.

Foi chamado a toda a pressa o primeiro testamenteiro, um notavel advogado da cidade, pessoa da maior confiança da morgada.

O illustre advogado, ao contemplar a aldeã herdeira da fortuna da morgada, concebeu logo um plano formidavel: casal-a com um filho, famoso estroina, refractario aos companheiros, mas muito entendido em jogo, vinho e mulheres.

Todas as tentativas foram infructiferas, porque a formosa Anna, amava até á leucura um rapaz campones, pobrissimo, mas honrado e bonito a valer, que a trazia presa pelo beijo, como ella mesmo dizia, na sua linguagem pittoresca.

Indignava-se extraordinariamente, com estes amores grosseiros, o bom do advogado, que derramava inutilmente toda a sua eloquencia. Um olhar do João, o namorado da Anna, deitava por terra toda a influencia do doutor.

Vendo a difficuldade e o titanico da lucta, o doutor, como habil tactico, chamou as reservas, isto é, os parentes da morgada. Tratava-se de destruir o obstaculo, como elle dizia. Ora, este obstaculo era o namorado. Aos parentes o que lhes sorria era a vingança.

Deitaram, portanto, com essa labia infernal dos aldeãos, as suas redes, e conseguiram persuadir ao credulo rapaz que era desprezado pela Anna da Grotta, o que não era para admirar, estando ella rica.

A rapariga, diziam, queria casar com o filho do doutor, a quem o pae arranjará o titulo de barão.

Um joven pobre, namorado de uma herdeira rica, é sempre desconfiado. O demonio do ciume encontrou terreno propicio.

De suggestão em suggestão, o rapaz chegou a acreditar piamente o que lhe contavam. Quanto mais a namorada protestava a sua fidelidade, mais elle desconfiava. E' assim o coração humano.

Aquecido até ao rubro o punhal que devia atravessar a sua felicidade, os amigos do pobre aldeão precipitaram o momento fatal. Fizeram-lhe acreditar que a Anna da Grotta concedia entrevistas nocturnas ao filho do doutor, n'uma arribana, a pequena distancia da casa onde morava, e que era facil a elle surprehender-os. Concordou-se pois n'esse lance.

Uma noite, o credulo mancebo, seguido pelos emissarios do doutor, postou-se em um esconderijo, defronte do portão da quinta da Anna da Grotta e viu sair um vulto de mulher embuscada. Com o coração palpitante, seguiu-a e pôde verificar que entrava para a arribana. Por conselho dos outros, esperou, e minutos depois viu de longe chegar um vulto d'homem, que peneirou tambem na casa. Então, entre elle e os seus companheiros sustentou-se

uma animada polemica, sobre o castigo que merecia tão grande crime de leso-amor.

O fim d'esta polemica, habilmente sustentada pelos emissarios do doutor, era evitar que elle se approximasse da porta da arribana *antes de tempo*, e reconhecesse, pela voz da mulher que estava dentro, que era victima d'uma cilada.

Um dos *amigos*, depois de ter escutado á porta, chegou de repente, muito alvoroçado, ao pé do rapaz, e fallando-lhe ao ouvido, arrastou-o, como o Rigoletto faz á filha, para junto da porta da arribana.

Não havia luz dentro e portanto não se podia espreitar como acontece na celebre opera, mas as palavras d'amor nada equivoacas e os beijos frementes e ininterruptos, eram de fazer ferver o sangue ainda ao mais atacado de *spleen*.

O pobre namorado, com os dentes cerrados e o ouvido collado á porta, sorvia aquelles doces protestos d'amor, como um condemnado.

De subito, os companheiros, que tambem escutavam, apartaram-se precipitadamente, sem que elle o percebesse. Minutos depois, a velha porta rangia nos gonzos e sabiam os dois pombinhos. Apenas haviam dado alguns passos, um grito tremendo souo no espaço, seguido de gritos desesperados de soccorro, soltados por uma voz feminina.

Acudiram rapidos os amigos do João e viram cahido por terra e banhado em sangue um homem. Em frente, d'elle arrepelava-se de dôr uma mulher, e a poucos passos, em pé, pallido, com os olhos espantados, as mãos e o fato salpicados de sangue, o infeliz João, que reconhecera bem tarde o seu fatal engano. Nem aquella mulher era a Anna da Grotta, nem o homem o filho do doutor. Eram dois creados da sua namorada, que estavam amancebados.

Os amigos fingindo-se de novas, foram dar parte á auctoridade e o João marchou n'essa mesma noite para a cadeia da cidade. Estava perdido. O golpe do doutor fora bem vibrado; mas o advogado não contara com o extraordinario amor da filha da morgada. A boa rapariga, assim que soube o que succedeu, foi á cadeia e desfez todos os attritos da justiça. Gastou *rios de dinheiro*, e conseguiu que o crime fosse classificado de homicidio involuntario, passando os dois annos de prisão ao lado do João, com quem casou na cadeia, dando assim um exemplo de notavel grandeza d'alma e constancia, rarissimo entre pessoas de condição inferior, a quem a fortuna repentina tolda quasi sempre o senso moral.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O BOMBEIRO ANTONIO IGNACIO

O bombeiro n.º 55, Antonio Ignacio, foi um dos heroes do medonho incendio na rua da Bitesga, que ha poucos dias contristou Lisboa inteira.

Este valente cahio, da altura d'um segundo andar, á rua, no momento em que, com grande risco, procurava salvar a desditosa familia do sr. Pimentel Brandão.

Só quem, como nós, assistiu a esta scena, poderá descrever o horrivel espectáculo causado pela queda do philantropico e destemido bombeiro.

Antonio Ignacio foi immediatamente mettido n'nma maca e conduzido ao hospital, onde se reconheceu que havia fracturado uma perna e que houvera hemorragia interna. O seu estado é grave.

A camara municipal, em sessão de 30 de dezembro findo, arbitrou a pensão de 18\$000 réis mensaes ao valente bombeiro, caso elle fique impossibilitado de trabalhar; se morrer, a viuva ficará com a pensão de 12\$000 réis.

JOSEPH LOUIS SIMONET

(Capitão do «Ville de Victoria»)

Não nos sobeja o espaço nem os elementos necessarios para podermos traçar a biographia d'este sympathico marinheiro, um dos principaes personagens e tanhem o heroe do terrivel sinistro occorrido no Tejo na madrugada de 24 do mez findo.

Joseph Simonet, o capitão do *Ville de Victoria*, é um homem em toda a sciça da vida, e celta apenas 42 annos de idade.

A sua carreira maritima, começou em 1858. Servio a marinha franceza durante 7 annos, foi capitão de longo curso desde 1870, e official e capitão de raves de vela desde 1870 a 1877, passando n'este ultimo anno para official e comandante dos vapores da companhia *Chargurs Réunis*.

O capitão SIMONET, na sua larga vida maritima, eviden-

ciado o saber da moderna officialidade, a prudencia, o sangue frio e o tacto dos velhos officiaes, e a bravura dos corajosos, que antes de se recordarem da salvação da propria vida, olham com extrema abnegação para a boa guarda dos valores que lhes são entregues e da vida dos que os rodeiam.

Seria desnecessario buscar provas, além d'aquella que acaba de nos dar, em frente das muralhas do Aterro.

O *Sultan*, saindo inesperadamente da sua amarração, impedido pela violencia da corrente, cae de chofre sobre o *Ville de Victoria*, ferindo-o de morte.

Simonet, sabendo que o navio estava amarrado como devia, e não prevendo o desastre que ameaçava o seu bello vapor, os seus passageiros e todos os valores representados na carga, descansava, esperando a hora em que devia levantar ferro e seguir para as terras de Santa Cruz.

O sinistro surpreendeu-o; não o previra, mas solto pelo vigia o grito d'alarma, e já quando a agua entrava aos borbotões, elevando-se desde o porão, n'um crescendo medonho, o capitão Simonet, subindo de um pulo do seu camarote ao tombadilho, apresentava-se no seu logar de combate com uma serenidade assombrosa, dominando, com a sua voz de stentor, o tumulto, a confusão propria dos momentos afflictivos, dando as ordens aos seus marinheiros, e tratando da salvação de todos.

De todos, menos de si!

Não houve arrancal-o do seu logar de honra. O navio submergia-se, encravava-se, serena e lugubrememente, no Tejo, n'um balouçar sinistro mas expressivo, e o valente marinheiro nem assim se esqueceu dos seus deveres de chefe da sua tripulação, de protector natural dos passageiros que se entregavam á sua guarda.

Salvou-se, mas quando o *Ville de Victoria* ia desaparecer de todo, quando nada restava d'elle que salvar, nem vidas, nem carga, nem o proprio navio. Salvou-se, porque o acaso, ou a sua boa estrella lh'o permittiu.

Feliz acaso esse.

### NO LAVADOURO

Pelo que nos diz a gravura, estamos em pieno maio.

Estamos em maio, e a avaliar pela posição do gallo que se vê ao pé da cancella do pateo, deve ser pouco mais de meio dia.

Na estrada pulverulenta e batida largamente por uma forte toalha de luz, um rapaz e uma rapariga caminham serenos e alegres.

Naturalmente veem do trabalho dos campos, e vão tomar a sua refeição á sombra fresca de um castanheiro folhudo, á beira da estrada silenciosa...

Não ha que vêr... são namorados.

A aldeia rosna a tal respeito.

Nos lavadouros, que são os *clubs* e os *cafés* da gente do campo, é o thema predilecto das conversações aquelle namôro.

A velha que ensaboa com as duas raparigas no pateo, está dizendo cousas salgadas n'esse sentido.

A mocetona que fica á esquerda da zombeteira, sorri do caso, parece concordar.

Deve ser verdade o que a velha diz.

—Tambem, era preciso que a gente não tivesse olhos.

—E' contar com o passo a esta hora. Ainda está para vir um dia que os não veja passar por aqui, entretidos que nem sequer dão os bons dias a uma pessoa!...

—No meu tempo não era assim. Isto vai perdido, raparigas! Bem o fazem vocês, que se guardam, e não envergonham a cara de seus paes!... Isto de andar a gente na bocca do mundo é triste cousa... Olha-me para aquelle par...

Uma das duas sorria á socapa, olhando de esconso para a companheira, que levanta a cabeça flectando a velha com um sorriso onde me quer parecer que ha muita complacencia para os graves delictos que a matrona critica e condemna.

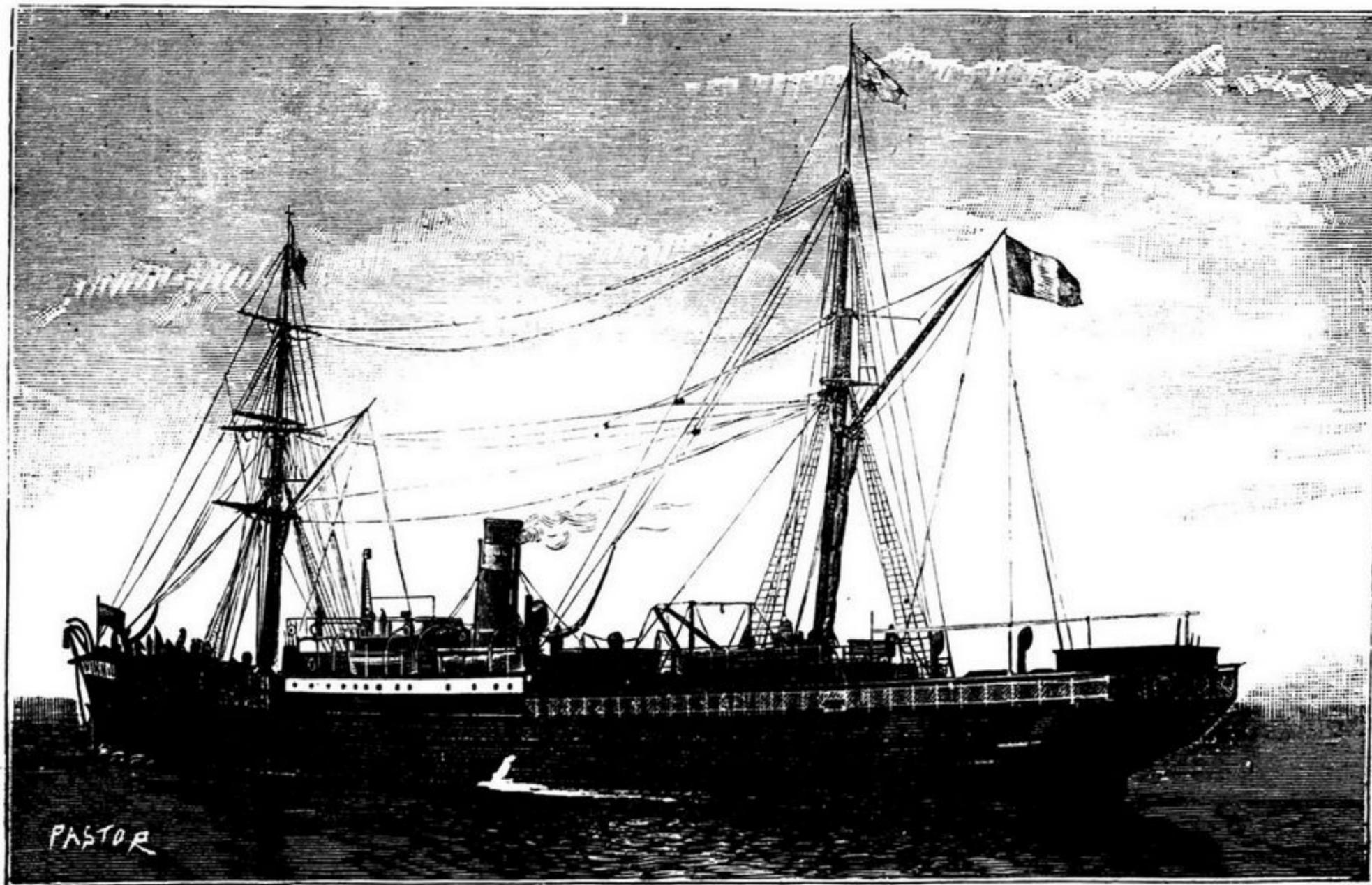
O olhar da moça que está curvada indica-nos que ella sabe dos segredos da companheira.

E esta não o nega: outra que fosse ella, e olharia com furiosa inveja para os namorados que vão pela estrada fóra, felizes e contentes; mas o seu bom sorriso está-nos dizendo que tambem ella tem o seu par, que tambem nas danças do adro da igreja ha quem a siga com o olhar faminto, e que nas folias campestres lhe aperte um tudo nada os dedos, quando algum beijo lhe não desmanche as tranças ao dobrar uma azinhaga, ou no sitio em que as arvores deixam cair uma sombra mais pezada e mais profunda...

A velha continua a tagarellar, e ella absorta, distrabida, esquece-se do que a velha diz, do seu trabalho, dos namorados que já vão longe, e escuta a espaços, por entre a serenada que lhe cantam as suas lembranças, o arrulho amoroso dos pombos, que á beira do telhado arrastam as caudas com o sêcco e engommado ruido das sedas no chão encerado das casas aristocraticas...

### O VAPOR «VILLE DE VICTORIA»

Damos hoje uma gravura representando o *Ville de Victoria*.



O VAPOR «VILLE DE VICTORIA»

afundado no nosso porto pelo embate da *Sultan*, da esquadra ingleza, na madrugada de 24 de dezembro.

Os pormenores do tremendo sinistro, que trouxe a tristeza á população de Lisboa, deu-os já toda a imprensa, são já conhecidos por toda a gente.

Com relação propriamente ao vapor, que assenta o seu dorso no fundo lodoso do Tejo, mostrando-nos apenas as pontas das suas vergas, pouco temos que dizer.

Era um dos mais bellos navios da companhia *Chargeurs réunis*, e entrara no nosso porto, na sua derrota para o Brazil, a fim de largar e receber passageiros, e recompor a carga.

De 1775 toneladas, comportando por consequencia grande capacidade, e sendo tambem, pela sua formidavel construcção, considerado um dos barcos mais seguros da carreira da America, nem um só dos seus passageiros,—niamos jurar-o—, suppoz que n'elle corresse o mais pequeno perigo. E se essa confiança era relativa á viagem redonda, imagine-se o que os pobres naufragos pensariam da sua segurança, fundeados no Tejo.

Nenhum, nem um só deixava de julgar-se, na sua maca ou no seu beliche, tão solidamente installado como no melhor quarto do mais afamado dos hoteis.

E contudo, o *Vile de Victoria*, como que para nos evidenciar a fallibilidade da mais bem estabelecida confiança, repousa no fundo do Tejo, servindo de sepulchro a um grande numero de cadaveres!

#### UMA ALDEIA RUSSA

A nossa gravura representa uma aldeia da Pequena Russia. Como quasi todas as aldeias d'aquella região, tem apenas meia duzia de casas, separadas umas das outras, alegremente pintadas de branco e verde, e rodeadas de espesso e frondoso arvoredo.

Um muro, formado de cannas e de silvas, limita as aldeias.

As casas são muito pequenas, mas cada uma está situada entre um pateo e um jardim, que a ella só pertence.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

#### CHARADAS NOVISSIMAS

Na musica e aqui é mineral—1—1.  
Alegre, esta planta é appellido—1—2.  
Observei este fructo e esta mulher—1—2.

JOSÉ PAULINO DA SILVA

Caminha este vestuario para este homem—2—2.  
Observei este pronome e este caminho—1—2.  
Linda mulher está na pharmacia—2—2.  
Aqui, este verbo forma uma arvore—1—2.

ANTONIO DE SOUSA BENTO.

#### CHARADAS EM VERSO

Tal charada, em inveja  
Veja,  
Pois não foi por mão perfeita  
Feita.

Ao amigo aqui predigo  
Digo,  
Que a prima, por si denota  
Nota.—1

Pára? espera que eu o mande?  
Ande!  
Tempo não perca, prosiga,  
Siga.—1

Vamos, vamos sem demora,  
—Oral  
Olhe que eu aqui lhe averbo  
Verbo.—1

Sendo medida, é canada  
Nada!  
E' ascriptor—Inglez? Su'isso?  
Issol!

(Aos distinctos charadistas M. M. & M.)

—Meus senhores;  
Aqui fica  
A singela charadinha.  
Que—queiram crer—lhes dedica  
Cortezmente um alfacinha.

—Querem matal-a? portanto,  
Prestem me toda a attenção;  
Tal cidade eu lhes garanto  
Só na Asia encontrarão.—1  
Diz-i, meus senhores,  
Bravos caçadores  
E bons matadores,  
E' cidade ou não?

Outra cidade hão de ver,  
—Já duas, que inundaçãol—  
Mas agora podem crer  
Que na Europa esta verão.—2  
Dizei, meus senhores,  
Bravos caçadores  
E bons matadores;  
E' cidade ou não?

Como vou já terminar  
Só direi em conclusãol  
E' aqui n'este logar  
Que os valentes sempre estão,  
Dizei matadores  
Bravos caçadores,  
Dizei, meus senhores  
A decifração.

MATHEUS JUNIOR.

#### CHARADA CONIMBRICENSE

(A M. M. & M.)

A primeira horisontal  
Em todos, creia, ba de ver  
Quer seja bonita ou feia;  
Mas tudo, tudo ha de ter.

Pode servir ao jantar  
A segunda horisontal,  
E ter um grande valor;  
A questão é do metal.

Se d'ella andardes em busca,  
Não vos deveis inquietar;  
Porque em prima vertical  
Julgo a deveis encontrar.

A segunda vertical  
Já vem de nos os avós;  
Reparae, oh charadistas,  
Que o mesmo acontece a vós.

Tambem vos posso affi mar  
Que sem prima diagonal  
Não podemos existir  
Mesmo que regule mal.

Na segunda diagonal  
Veja bem que, sem fadiga,  
Deverá encontrar ave:  
—E não sei mais que lhe diga.

Covilhã.

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

#### Enigma

# VIVI

#### Jogos de cartas modernos

A «Odette»

Doze jogadores.  
Tres baralhos de 32 cartas.  
Cada jogador recebe 8 cartas.  
O primeiro a jogar deita uma carta a descoberto sobre o tapete, e annuncia o valor d'ella em voz alta. Em seguida, todos os

jogadores se desembaraçam das cartas que teem um valor igual ao da carta jogada. Se o primeiro jogador deitou fóra um dez, todos os dez, que estão nas mãos dos parceiros, devem apparecer sobre a meza.

Os parceiros que não tiverem nenhum dez na mão, lançam um tento para o bolo.

O segundo jogador faz, em seguida, o mesmo que o primeiro: deita uma carta na meza, annunciando o seu valor. Immediatamente, todas as cartas eguaes a estas são lançadas sobre o tapete, e os parceiros que não jogaram deitam um tento para o bolo.

A partida continua do mesmo modo que precedentemente. Chega um momento em que um ou muitos parceiros não teem cartas na mão. A partida reputa-se então terminada, ganhando aquelle que primeiro se desembaraçou de todas as suas cartas. E' esse que levanta o bolo.

### Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Papagente—Guadiana—Patamar—Camarão—Aquilino—Polar—Paulista.

DA CHARADA EM VERSO:—Marfim.

DO ENIGMA:—Cravo.

## UM CONSELHO POR SEMANA

### LACRE PARA GARRAFAS

Resina.....	1:000	gram.
Pez de Borgonha.....	500	»
Cera amarella.....	250	»
Sebo.....	90	»
Mastique.....	290	»

### A RIR

No Chiado:

Uma rapariguita estende a mão a um sujeito, junto do Bernard, pedindo esmola.

—Dê-me cinco réisinhos para matar a fome a meu pae, que é cego,—diz a pequena.

—E onde está teu pae?

Esta ali ao pé do Baltresqui, *olhando* para a montra.

## LUIZA

Acabado o ultimo acto do *Faus'o*—a esplendida creação de Goethe tão magistralmente comprehendida pelo estro de Gounod—Carlos, que n'essa noite fóra ao theatro, voltava para casa a pé, com as mãos nas algibeiras do seu paletot curto, côr de cinza, e charuto acceso ao canto da bocca, trauteando por entre dentes um dos trechos da opera, de que mais gostara.

Depois de casado, fóra aquella a primeira noite que elle passara fora de casa sem sua mulher; mas tambem, taes maravilhas ouvira dizer do merito da Devriés, que não podera resistir ao desejo de ir ouvir a famosa *diva* no papel de Margarida.

E fóra.

A esposa—uma adoravel creatura cheia de meiguice e de bondade—não o acompanhara, porque, sentindo-se um pouco indisposta, preferira ficar encerrada no seu gabinete,—um verdadeiro ninho de ave, elegante e confortavel—entretida a bordar, a ler, a scismar... No theatro estaria constringida, incommodal-a-hia o calor da sala, ao passo que em sua casa ficaria mais á vontade, sem nada que a opprimisse ou constringesse.

Fôra isto o que ella lhe dissera; e accrescentara, dando-lhe um beijo nos labios:

—Vae tu sózinho. Eu esperarei por ti.

Eis no que elle vinha agora pensando, ao voltar apressadamente para casa, para junto da sua querida mulhersinha, que de certo ainda estaria á espera d'elle, como lhe promettera, talvez impaciente, nervosa, com o ouvido attento, á escuta do minimo ruido...

E a recita prolongara-se de tal modo, houvera tão repetidas chamadas aos artistas, tinham sido tantos os trechos bisados...

Não havia remedio senão apressar o passo, tanto mais que a noite estava fria, de um frio intenso e cortante, que parecia golpear as faces dos transeuntes, e que fazia suspirar pelo conchego do lar e pelo chá e torradas da ceia.

E continuou o caminho ainda mais depressa. De subito, ao dobrar a esquina da rua Nova dos Martyres, sentiu que atraz de si alguém o chamava de um modo excessivamente familiar.

Viu logo que era uma mulher. Voltou-se, olhou para ella desdenhosa, e dispunha-se a proseguir, quando o chamamento se repetiu.

N'este momento passava elle por debaixo de um candeeiro da illuminação publica. A mulher ia já ao seu lado, e Carlos, mirando-a attentamente á frôuxa luz do gaz municipal, ponde reconhecer que era uma rapariga ainda bastante nova, de estatura elegante, e de uma formosura pouco trivial, apesar de, no seu rosto, o vicio haver já imprimido o cunho da sua passagem, devastadora de todas as mocidades e de todas as formosuras.

Emquanto se deteve a contemplal-a, Carlos dizia consigo:

—Eu já vi esta rapariga em qualquer parte... estes olhos negros e rasgados não me são desconhecidos...

—Estas á fitar-me com una ares de quem me quer engulir viva—observou-lhe ella petulantemente. Achas me talvez muito feia, não é verdade?

—Feia ou bonita, não é isso que me preoccupa agora. O que eu estou vendo é se me recordo onde foi que já te vi...

—Pois olha, não serei eu de certo que te poderei auxiliar a memoria. Como queres tu que eu me lembre de todos aquelles a quem me consagro alguns momentos? No dia seguinte estão esquecidos.

—Enganas te. Eu não pertenco ao numero d'esses a quem te referes. Como te chamas tu?

A mulher desfechou-lhe uma estridente gargalhada.

—Para que queres saber o meu nome? Olha, vem d'ahi, paga-me a ceia.

—Não posso. Em todos os cafés e restaurants me conhecem.

—Então, vem a minha casa. Lá não serás visto nem conhecido por ninguem.

A curiosidade de Carlos achava-se cada vez mais excitada. Passavam grupos de familias pacatas, que regressavam do theatro apressadamente, e elle tãa aborto estava, que nem se lembrava, sequer, de que podia ser visto por alguém do seu conhecimento, a quem aquelle colloquio se tornaria certamente suspeito. Quanto mais encarava a rapariga, mais lhe parecia reconhecer-a. Aquella figura, aquelle rosto, aquelles olhos, aquella voz avivavam-lhe recordações que cada vez se accentuavam mais no seu espirito. Comtudo estava bem certo de que não era nenhuma das suas amantes de outr'ora, nem nenhuma d'aquellas mulheres, companheiras das suas noites alegres, de rapaz solteiro...

Subitamente pareceu lembrar-se.

—Pois não te chamas Luiza?—perguntou-lhe precipitadamente, com um certo tremor na voz.

—Luiza, sim! mas como adivinhaste o meu nome?—disse-lhe ella surprehendida.

—Ja vejo que não me enganei. Mas será possivel? E's tu effectivamente a formosa Luiza, filha do coronel Roberto de Aguiar?

—Sim, sou eu... e tu?... e o senhor?... O senhor chama-se Carlos de Mendonça, não é verdade?

Ella ficou estarrecida, como que tomada de espanto, com os olhos muita abertos, o seio alteroso e a respiração offegante.

Mas logo em seguida, tranquillizando-se inteiramente, disse-lhe n'um tom de voz que denunciava o profundo cybismo de uma consciencia onde se haviam obliterado todas as noções do pudor e do decoro:

—Ora adeus! Tu bem sabes o que eu sou, bem me estás vendo... Que tenho eu, pois, que te occultar? Vem commigo e contar-te-hei a minha historia n'estes ultimos cinco annos.

E dando-lhe, o braço seguiu com elle, que nenhuma resistencia lhe oppoz, e um quarto de hora depois subiam ambos ao primeiro andar de uma casa de modesta apparencia, e entravam n'uma sala estravagantemente mobilada, mas com certas pretensões luxuosas.

Apenas entraram, ella tirou o chapéu e as luvas, e sentando-se no sophá, ao lado de Carlos, principiou assim:

—Recordas-te certamente d'aquella noite em que me viste pela primeira vez. Meu pae tinha reunido algumas pessoas intimas, n'uma pequena *soirée* familiar, e tu havias sido um dos convidados. Assim que appareceste na sala despertaste-me logo uma profunda sympathia, e depois que se tocou a primeira valsa e me fostes buscar para teu par, eu fiquei-te amando com enthusiasmo. Depois voltaste mais algumas vezes, e n'uma outra noite confessaste-me o teu amor.

—Eu era sincero, e tu mentias quando affirmavas partilhar os meus sentimentos.

—Enganas te, juro-te! Eu amava-te tambem, mas meu pae apresentava-me dias depois o visconde de Negreiros, um *sportman* distinctissimo, que vivia na alta roda, e cujo nome enchia ruidosamente as chronicas do *high-life* lisboeta. A principio, toda entregue ao amor que te consagrava, não quiz attende-r o visconde, que entrara desde logo a cortejar-me com assiduidade. Elle afinal não passava de um esturdio, sem espirito nem coração, repartindo a vida entre os cafés e os *boudoirs* das *cocottes*. Isto mesmo eu ponderei a meu pae; elle, porem, retorqui-me que o visconde havia de regenerar-se, tomar juizo, e accrescentou sentenciosamente.

—E' dos rapazes esturdios que se fazem quasi sempre os maridos mais serios e dedicados. Casa com o visconde, que não te has de arrepende-r. Lembra te de que te passarás a ser a *senhora*

viscondessa, e que disfructarás a grande fortuna de teu marido.

Viscondessa de Negreiros! Esta idéa actuou mais profundamente no meu animo do que todos os raciocinios de meu pae. Como me lisongearia os ouvidos aquelle titulo! Pronunciá-lo-hiam com respeito nos salões mais distinctos e aristocraticos, onde seria recebida com milhares de atenções, e ostentaria o meu braço nos addresses, nas carruagens, no meu papel de cartas... Tudo isto era excessivamente tentador para uma rapariga nas minhas condições, uma creança ainda, sahida do collegio havia pouco tempo. E d'ahi em diante, não pensava já n'outra coisa senão no meu titulo de viscondessa, e o resultado foi escrever-te aquella carta que tu sabes...

—Sim, aquella carta em que me davas parte do rompimento das nossas relações... Quando a li, julguei que succumbisse de dôr!

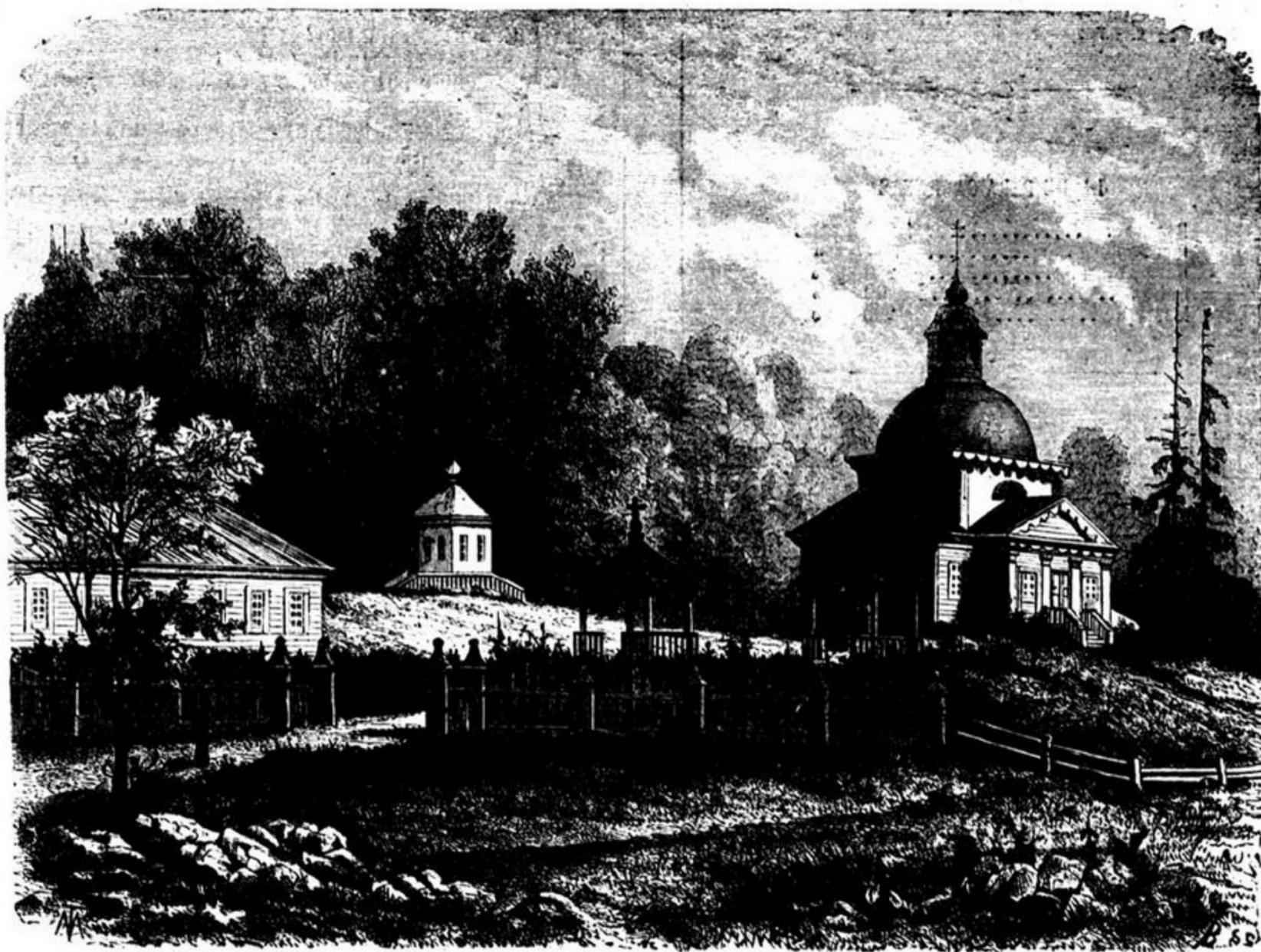
—Passados tres mezes casava com o visconde. Fomos então viajar, e depois de percorrer as principaes cidades da Italia, dirigimo-nos a Paris. A esse tempo exhibia-se no Odéon uma actriz celebre, menos pelo seu talento do que pela sua belleza. O vis-

conde, me deixei arrastar á perdição, acabando por entregar-me ao honroso mister em que me vés!

E' extraordinario tudo isto e dava bem para um excellente romance do genero Zola, não achas? Um dia irei morrer ao hospital, que é onde morrem todas as mulheres da minha condição. Mas agora conta-me tu o que tens feito, desde que deixamos de nos ver.

—A minha narrativa será breve. Eu amava-te perdidamente, e contava ser o mais feliz dos homens no dia em que pudesse chamar-te minha. O tempo, porem, que tudo extingui, até as paixões mais violentas, encarregou-se de me curar, e eu esqueci-te tão completamante que, como viste ainda ha pouco, nem ja te conhecia! Agora, ha tres mezes que estou casado com uma mulher encantadora, a quem adoro, e por quem sou amado com verdadeira idolatria. A felicidade, que eu julgava ter perdido para sempre contigo, veio de novo bater á minha porta.

Pelas faces de Luiza cabiram lentamente duas lagrimas. Quando Carlos a encarou, ella enxugou-as rapidamente, dizendo com um riso convulso:



UMA ALDEIA RUSSA

conde viu-a, apaixonou-se por ella, e só depois de uma entrevista e obteve-a a pezo de ouro. A esta escandalosa aventura seguiram-se muitas outras do mesmo genero, e durante quasi tres annos que permanecemos na capital da França, meu marido, voltando á sua antiga vida de desregramento e de orgias, passava as noites nas casas da jogo, nas alcovas das actrizes ou nos restaurantes da moda. Tentei, por mais de uma vez, detel-o n'aquella carreira de desvarios e de loucuras, mas nem os meus rogos nem as minhas lagrimas conseguiram nada, e d'entro em pouco o visconde tinha dissipado inteiramente a sua grande fortuna. Vendose reduzido á miseria, suicidou-se então com um tiro de revólver, e eu voltei a Portugal, depois de vender o pouco que me restava para pagar uma pequenissima parte das suas enormes dividas.

A esse tempo já meu pae era fallecido, e eu vi-me completamente abandonada. Tentei ainda dedicar-me a qualquer mister honesto que me proporcionasse uma vida obscura, sim, mas despreocupada e tranquilla. Era bastante instruida e prendada, poderia dar lições, ser preceptora—pensava eu—mas o trabalho obrigatorio repugnava-me, o que não é para admirar em quem nunca fizera nada de util. Depois habituara-me, durante o tempo de casada, a uma existencia de esplendor e de elegancia, era formosa, não faltava quem me requestasse... e foi assim que, pouco

—Não faças caso, estava agora parva. Então, não me ia sensibilizando? Com um pouco mais, quer-me parecer que principiava a chorar. E' muito triste tudo isto, pois não é? Fallemos d'outras cousas.

\* E dando uma gargalhada nervosa, ergueu-se estouvadamente, e cingindo com os braços o pescoço de Carlos, cravou os seus labios nos d'elle, n'um beijo sensual e prolongado.

Quando Carlos sahiu de casa de Luiza já passava das tres horas da manhã. Nos braços da cortezá, elle, o ingrato, esquecera-se completamente da rapidez com que o tempo passa, assim como se esquecera da sua querida mulhersinha, que aquella hora ainda estaria, de certo, á espera d'elle, como lhe promettera, talvez impaciente, nervosa, com o ouvido attento, á escuta do minimo ruido.

MAGALHÃES FONSECA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica